

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – Penetração do Nosso Pensamento pelos Espíritos	O Livro dos Espíritos	03
Relação entre os nossos pensamentos e a nossa vida	O Consolador	04
II – Influência Oculta dos Espíritos sobre os Nossos Pensamentos e as nossas ações	O Livro dos Espíritos	05
Como se dá a influência Espiritual em nossa vida e como podemos neutralizá-la	O Consolador	07
III – Possessos	O Livro dos Espíritos	10
Possessão e obsessão	O Consolador	12
IV – Convulsionários	O Livro dos Espíritos	14
O Livro dos Espíritos	O Consolador	15
V – Afeição dos Espíritos por certas pessoas	O Livro dos Espíritos	17
Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas	O Consolador	18
VI – Anjos da guarda, Espíritos protetores, Famíliares ou Simpáticos	O Livro dos Espíritos	20
Espíritos protetores	O Consolador	26
VII – Pressentimentos	O Livro dos Espíritos	28
Telepatia e pressentimentos	O Consolador	29
VIII – Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da Vida	O Livro dos Espíritos	31
Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida	O Consolador	34
IX – Ações dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza	O Livro dos Espíritos	36
A tempestade amainada	O Consolador	38
X – Os Espíritos durante os combates	O Livro dos Espíritos	41
Os Espíritos durante os combates	ABC do Espiritismo	42
XI – Dos pactos	O Livro dos Espíritos	43
O Livro dos Espíritos	O Consolador	44
XII – Poder oculto, talismãs, feiticeiros	O Livro dos Espíritos	46
Talismãs, amuletos; que Kardec diz sobre a força desses objetos	O Consolador	48
XIII – Benção e maldição	O Livro dos Espíritos	49
O reino de Deus, na visão do filósofo Herculano	O Consolador	50

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
Capítulo IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo

I – PENETRAÇÃO DO NOSSO PENSAMENTO PELOS ESPÍRITOS

456. Vêem os Espíritos tudo o que fazemos?

“Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.”

457. Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos?

“Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.”

a) — Assim, mais fácil nos seria ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta?

“Certamente. Quando vos julgais muito ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam.”

458. Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam?

“Depende. Os levianos riem das pequenas partidas que vos pregam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem dos vossos reveses e procuram ajudar-vos.”

Crônicas e Artigos

462 – 24/04/2016

O Consolador – (Wagner Ideali)

I. Penetração do nosso pensamento pelos Espíritos

Relação entre os nossos pensamentos e a nossa vida

“A mente é o espelho da vida em toda parte.”

Emmanuel (Livro: Pensamento e Vida)

Após ler o livro de Emmanuel Pensamento e Vida, psicografado por Francisco Cândido Xavier, fiquei refletindo sobre o que o livro abordou; comecei a refletir esse aprendizado para o nosso dia a dia.

“Pensar é criar” – (Emmanuel, Pão Nosso, cap. 15). O que é o pensamento?

É a faculdade de refletir de forma lógica ou não; força criadora, construtora, que molda a matéria, organizando formas abstratas ou concretas, que, juntamente, com a vontade, são elementos que organizam e constroem nossos objetivos.

“O pensamento e a vontade são elementos plásticos e organizadores.” - Ernesto Bozzano.

Quando pensamos nós estamos exercitando muitas vezes a vontade que gerencia o nosso ser, governando todos os setores da ação mental, mostrando a necessidade de vigiar e trabalhar, o que nos leva à necessidade constante de meditar sobre o que buscamos com os nossos pensamentos.

Aprendemos tanto na Doutrina Espírita, quanto nos estudos das Ciências tradicionais, que tudo está em tudo. Existe uma interdependência de tudo na natureza e por isso a nossa vida está, sem dúvida, intimamente ligada e guiada pelos nossos pensamentos, por tudo à nossa volta, necessitando de nós separar o joio do trigo dos nossos pensamentos.

O processo de Instrução e Educação torna-se assim primordial dentro da evolução do ato de bem pensar, porque, agregado à Fé, à Instrução e Educação, nos mostra o como ser importante para relacionar nosso modo de vida com os nossos pensamentos. Como disse Emmanuel no livro Pensamento e Vida, “Para encontrarmos o bem e assimilar a Luz, não basta só admitir a fé, mas buscá-la na perseverança e fervor”. Aprendemos na Doutrina Espírita que a evolução é construída sobre duas asas: Fé e moralidade, assim temos a religiosidade operante e a Sabedoria com humildade.

Os nossos pensamentos diários nos levam a hábitos que por sua vez nos levam a algum tipo de rotina, e muitas vezes não percebemos o valor positivo ou negativo desses hábitos e até mesmo dessa rotina. Assim sendo, emoções, pensamentos e atos são os elementos que nos induzem a novos comportamentos, sejam eles construtivos ou não, mostrando como existe uma estreita relação entre o ato de pensar e a ação correspondente a esse pensamento.

Dentro de toda essa análise sobre pensamento fica profundamente enraizada a necessidade do dever, porque devemos submissão às Eternas Leis Morais, temos responsabilidades perante a vida, mas muitas vezes fugimos dentro de sentimento de culpa, pelos nossos atos. Muito importante para todos nós é reagir, saindo desse sentimento que não vai somar nada à nossa vida, a não ser desequilíbrio. Reagir para corrigir dentro de nossas forças e seguir em frente.

II – INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS NOSSOS PENSAMENTOS E AS NOSSAS AÇÕES

459. Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”

460. De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem.”

461. Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

462. É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas idéias?

“Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.”

Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça.

463. Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso.

É exato?

“Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.”

464. Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?

“Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.”

465. Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

“Para que sofraís como eles sofrem.”

a) — E isso lhes diminui os sofrimentos?

“Não; mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes.”

b) — De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros?

“Os que resultam de ser de ordem inferior a criatura e de estar afastada de Deus.”

466. Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal?

“Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.”

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

“Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.”

468. Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele?

“Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato.”

469. Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

470. Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade?

“A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal.

Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às consequências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois, repeli-lo.”

471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?

“É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.”

472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

“Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a idéia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.”

Como se dá a influência Espiritual em nossa vida e como podemos neutralizá-la

A influência que os Espíritos exercem sobre nossos pensamentos e ações no dia a dia é muito maior do que imaginamos, porquanto em muitas ocasiões são eles que nos dirigem.

Lemos no item 459 d' O Livro dos Espíritos: – Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”

A Revista Espírita de 1858 apresenta-nos um exemplo desse fato com o caso do Sr. F., moço instruído, de educação esmerada e caráter suave e benevolente, vítima de um processo de fascinação que só chegou ao fim com a ajuda dos bons Espíritos.

Inspirado pelo Espírito de seu pai, o moço foi até Kardec e procurou seguir o conselho dos Espíritos, que lhe recomendaram entregar-se a um trabalho rude que não lhe deixasse tempo para ouvir as sugestões más.

Ao fim do tratamento, o Espírito que atuava sobre F., que se identificou com o nome de François Dillois, acabou confessando-se vencido e exprimiu o desejo de progredir.

Comentando o caso, Kardec fez na Revista Espírita as seguintes observações:

1. Os Espíritos exercem sobre os homens uma influência salutar ou perniciosa; não é preciso, para isto, ser médium.
2. Não havendo a faculdade, eles agem de mil e uma maneiras.
3. A influência dos Espíritos sobre nós é constante, e todos acham-se expostos a ela, quer acreditem ou não.
4. Três quartas partes de nossas ações más e de nossos maus pensamentos são frutos dessa sugestão oculta.
5. Não há outro critério, senão o bom senso, para discernir o valor dos Espíritos. Qualquer fórmula dada para esse fim pelos próprios Espíritos é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores.
6. Os Espíritos inferiores receiam os que lhes analisam as palavras, desmascaram-lhes as torpezas e não se deixam prender por seus sofismas.

A influência espiritual só se concretiza em virtude da sintonia que se estabelece entre nós e os Espíritos

Conforme os ensinamentos espíritas, a influência espiritual sobre nós pode ser boa ou má, oculta ou ostensiva, fugaz ou duradoura, mas em toda e qualquer situação só se concretiza em virtude da sintonia que se estabelece entre nós e eles.

Em muitos dos pensamentos que temos, surgem-nos às vezes ideias diferentes e mesmo contraditórias acerca do mesmo assunto. Provavelmente nesses momentos estejamos sendo alvo da influência dos Espíritos, fato que nem todos percebemos, especialmente quando ela se dá de forma sutil e oculta, como se verificou no conhecido caso Custódio Saquarema, que Humberto de Campos (Espírito) relatou em seu livro “Cartas e Crônicas”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Custódio Saquarema fora na Terra importante advogado e, conforme suas próprias palavras, juntou muita consideração e ganhou muito dinheiro na derradeira existência, retornando, porém, à vida espiritual muito mais pobre do que quando partira, no rumo da reencarnação.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

Ele renascera num lar espírita, mas, como sucede à maioria dos reencarnados, trazia consigo, jungidos ao seu clima psíquico, alguns sócios de vícios e extravagâncias do passado que, sem o veículo de carne, se valiam dele para se vincularem às sensações do plano terrestre.

Seu programa reencarnatório era excelente, mas seus vampirizadores, ardilosos e inteligentes, agiam à socapa, sem que ele, nem de leve, lhes pressentisse a influência. E o faziam através de simples considerações íntimas. Tão logo se viu saído da adolescência, com boa dose de raciocínios lógicos na cabeça, os instrutores amigos o exortaram, por meio de seus pais, a cultivar o reino do espírito, referindo-se com isso a estudo, abnegação, aprimoramento, mas dentro dele as vozes de seus acompanhantes surgiam da mente, como fios d'água fluindo de minadouro, dando-lhe a falsa ideia de que falava consigo mesmo: “Coisas da alma, Custódio? Nada disso. A sua hora é de juventude, alegria, sol. Deixe a filosofia para depois.”

O caso Custódio Saquarema é uma prova de que a influência pode ser sutil e disfarçada

Essas considerações se repetiram ao longo da existência, mudando apenas de forma.

Ao concluir a faculdade, as advertências do lar se fizeram mais altas, conclamando-o ao dever; entretanto, seus seguidores invisíveis revidavam com a zombaria inarticulada: “

Agora? Não é ocasião oportuna. De que maneira harmonizar a carreira iniciante com assuntos de religião? Custódio, Custódio!... Observe o critério das majorias, não se faça de louco!”

Anos depois, Custódio casou-se e, em seguida, os chamados à espiritualização recrudesceram.

Seus solertes exploradores, contudo, comentaram, vivazes:

“Não ceda, Custódio! E as responsabilidades de família? É preciso trabalhar, ganhar dinheiro, obter posição, zelar por mulher e filhos...”

Quando na idade madura, ele ainda recebia os avisos dos bons Espíritos, por intermédio de companheiros dedicados, requisitando-o à elevação moral pela execução dos compromissos assumidos; mas na casa mental se empoleiravam os argumentos de seus obsessores inflexíveis:

“Custódio, você tem mais quefazer... Como diminuir os negócios? E a vida social? Pense na vida social... Você não está preparado para a seara de fé.”

Chegaram, por fim, a velhice e a doença. Custódio passou, então, a sofrer e a desencantar-se e os derradeiros convites da Espiritualidade Maior ainda insistiam a que se consagrasse às coisas sagradas da alma, ao passo que os gritos de seus antigos vampirizadores se altearam, irônicos, assoprando-lhe sarcasmo, como se fora ele mesmo a ridicularizar-se:

“Você, velho Custódio?! Que vai fazer você com Espiritismo? É tarde demais... Profissão de fé, mensagens de outro mundo... Que se dirá de você, meu velho? Seus melhores amigos falarão em loucura, senilidade... Não tenha dúvida... Seus próprios filhos interditarão você, como sendo um doente mental, inapto à regência de qualquer interesse econômico... Você não está mais no tempo disso.”

Note-se, conforme o próprio Custódio Saquarema observou, que seus perseguidores não lhe sevicaram o corpo, nem lhe conturbaram a mente. Acalentaram apenas o seu comodismo e, com isso, impediram-lhe qualquer passo renovador. Ele fora vítima, ao longo da existência, de uma espécie de obsessão disfarçada.

Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, vivem mais com os companheiros encarnados do que se supõe

Uma forma, embora precária, de distinguir os nossos pensamentos dos que nos são sugeridos é compreender que, normalmente, pertence a nós o primeiro pensamento que nos ocorre. O importante, porém, é saber que, independentemente de sugestões ou não, a responsabilidade

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

pelos atos é nossa, cabendo-nos o mérito pelo bem que daí resultar ou o demérito se a ação for negativa.

Allan Kardec explica na questão 462 de “O Livro dos Espíritos” que fazer essa distinção nem sempre é possível e assim o justifica: “Se fosse útil pudéssemos claramente distinguir nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio, assim como nos dá o de distinguir entre o dia e a noite. Quando algo fica impreciso, é que assim convém ao nosso benefício”.

Diz-nos Rodolfo Calligaris em seu livro “Páginas de Espiritismo Cristão” que “pensar é vibrar, é entrar em relação com o Universo espiritual que nos envolve, e, conforme a espécie das emissões mentais de cada ser, elementos similares se lhe imanizarão, acentuando-lhe as disposições e cooperando com ele em seus esforços ascensionais ou em suas quedas e deslizes”.

Não podemos, diz Calligaris, descuidar da nossa casa mental e seguir vida afora arrastados pela ação maléfica dos Espíritos atrasados. “Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, vivem mais com os companheiros encarnados do que se supõe”, acentua Calligaris. Misturam-se nas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam das conversações, seguem com os comensais, de quem dependem em processo legítimo de vampirização. “Perturbam-se e perturbam. Sofrem e fazem sofrer. Odeiam e geram ódios. Amesquinados em si mesmos, amesquinham os outros. Infelicitados, infelicitam.”

É, no entanto, possível neutralizar essa influência e, para isso, a Doutrina Espírita nos indica uma receita simples, porém infalível: a prática do bem e a fé em Deus.

As influências espirituais que nos cercam fazem parte das leis da vida e as tentações decorrem disso

Eis o que, a respeito do assunto, ensinaram os Espíritos Superiores na questão 469 de “O Livro dos Espíritos”:

“Fazendo o bem e pondo a vossa confiança em Deus, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o domínio que sobre vós tentam exercer. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que vos insuflam a discórdia e que vos induzem às más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, pois que vos apanham pelo ponto fraco. Por isso Jesus vos faz repetir na Oração Dominical: Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.

O fundamento desse ensinamento encontra-se na lição contida no item 122 da mesma obra, que adiante resumimos:

1. O livre-arbítrio de que gozamos, apanágio do Espírito humano, se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo.
2. As influências espirituais que nos cercam fazem parte das leis da vida. As tentações decorrem disso: uns cedem a elas; outros resistem.
3. As boas influências procedem dos bons Espíritos. As más influências vêm dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se da criatura e dominá-la, e rejubilam quando o conseguem.
4. Foi esse fato que deu origem a duas figuras bíblicas: a queda do homem e Satanás.
5. Essa influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem? “Não. Ela o acompanha na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo.”

Conseguir império sobre si mesmo significa: elevar-se moralmente, elevar o chamado padrão vibratório, o que se consegue com bons pensamentos, bons sentimentos e bons atos, isto é, a prática constante do bem e da caridade.

III – POSSESSOS

473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo, fixado para sua existência material.”

474. Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada?

“Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos. Mas, é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.”

O vocábulo possesso, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos na conformidade da idéia a que esta palavra se acha associada. O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

475. Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles?

“Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.”

476. Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa?

“Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.”

477. As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos?

“Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando vêem alguém tomar isso a sério.”

478. Pessoas há, animadas de boas intenções e que, nada obstante, não deixam de ser obsidiadas. Qual, então, o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores?

“Cansar-lhes a paciência, nenhum valor lhes dar às sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Em vendo que nada conseguem, afastam-se.”

479. A prece é meio eficiente para a cura da obsessão?

“A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para que obtenha o que deseja. Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

480. Que se deve pensar da expulsão dos demônios, mencionada no Evangelho?

“Depende da interpretação que se lhe dê. Se chamais demônio ao mau Espírito que subjuga um indivíduo, desde que se lhe destrua a influência, ele terá sido verdadeiramente expulso. Se ao demônio atribuídes a causa de uma enfermidade, quando a houverdes curado direis com acerto que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido que empresteis às palavras.

As maiores verdades estão sujeitas a parecer absurdos, uma vez que se atenda apenas à forma, ou que se considere como realidade a alegoria. Compreendei bem isto e não o esqueçais nunca, pois que se presta a uma aplicação geral.”

Crônicas e Artigos

320 – 14/07/2013

O Consolador – (Marco Milani)

III. Possessos

Possessão e obsessão

Apesar de naturalmente compreensível para os estudiosos do Espiritismo, pode parecer estranho àqueles que não se aprofundaram adequadamente no tema as seguintes afirmações: Possessão é um fenômeno possível e este não é, invariavelmente, uma obsessão.

Este entendimento requer uma consulta criteriosa à Codificação, pois se trata de assunto que o próprio Kardec revisou durante sua obra e, diante de fatos, desenvolveu o sentido que aparentemente havia firmado desde 1857 n'O Livro dos Espíritos (LE).

Somente a partir de 1863, na Revista Espírita, o Codificador reviu o conceito de possessão, admitindo a sua existência não mais como subjugação, mas em seu sentido exato. Sobre o caso verificado da Srta. Julie (RE – Dez/1863), Kardec se expressou da seguinte maneira:

“Temos dito que não havia possessos (ver LE-473, por exemplo) no sentido vulgar do vocábulo, mas somente subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado”.

Kardec, como pesquisador sério e responsável, retomou um conceito que ele, inicialmente, considerava já definido, mas que se evidenciou, através de fatos comprovados e pelo crivo racional, com diferente aceção. Este é um exemplo do dinamismo da Doutrina, que só pode ocorrer quando validado pela razão e demonstrado irrefutavelmente.

Para melhor diferenciação, devemos conceituar estes termos conforme encontramos na:

A Gênese (Cap. XIV – itens 45 a 49):

A) Obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais exteriores sensíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

B) Possessão é a ação que um Espírito exerce sobre um indivíduo encarnado, substituindo-o temporariamente em seu próprio corpo material. Esta ação não é permanente, considerando que a união molecular do perispírito ao corpo opera-se somente no momento da concepção.

A diferença no processo de comunicação entre os fenômenos de psicofonia e de possessão também pode ser evidenciada. No primeiro, o Espírito comunicante transmite seus pensamentos ao encarnado e este se encarrega de retransmitir conforme seus próprios recursos; no segundo caso, é o próprio desencarnado que se serve (apossa-se) diretamente do corpo material e transmite a sua mensagem (o Espírito encarnado afasta-se, mas ainda, permanece ligado ao seu envoltório físico).

Esclarecendo objetivamente que a possessão pode ser promovida por um Espírito bom, encontramos:

A Gênese (Cap. XIV – item 48):

“A obsessão sempre é o resultado da atuação de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser o feito de um bom Espírito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre os seus ouvintes, toma emprestado o corpo de um encarnado, que este lhe cede voluntariamente tal como se empresta uma roupa. Isto se faz sem nenhuma perturbação ou incômodo e, durante este tempo, o Espírito se encontra em liberdade como num estado de emancipação e frequentemente se conserva ao lado de seu substituto para o ouvir”.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

Obviamente, a possessão também pode ocorrer através de um Espírito malfeitor e neste caso caracteriza-se um processo obsessivo. Assim ocorre quando a vítima não possui força moral para resistir à agressão e é obrigada a afastar-se temporariamente de seu corpo (obs.: mais uma vez é importante ressaltar que nestes momentos a vítima permanece ligada ao corpo, mas sem o seu domínio).

Considerando o presente nível moral da humanidade não é de se estranhar que haja muito mais casos de possessões obsessivas do que aquelas com finalidades edificantes.

O Espiritismo, mais uma vez, lança luzes sobre males ainda considerados pelas ciências materialistas como de causa patológica. Não descartando esta possibilidade (anormalidade orgânica), a Doutrina Espírita faz conhecer outras fontes das misérias humanas, mantidas pela fragilidade moral dos seres. Inteligência e Amor são as armas para se combater desequilíbrios.

Geralmente se referem a experiências individuais (como a da Srta. Julie, citada anteriormente), mas Kardec também relata ocorrências de possessão coletiva (ver RE – 1862/63 – casos em Morzine e Tananarive).

Assim, contribuindo para o real entendimento deste processo, devemos distinguir os fenômenos de possessão e obsessão. A possessão ocorre e pode ser boa ou má; a obsessão sempre é má. Portanto, nem toda possessão é obsessão.

IV – CONVULSIONÁRIOS

481. Desempenham os Espíritos algum papel nos fenômenos que se dão com os indivíduos chamados convulsionários?

“Sim e muito importante, bem como o magnetismo, que é a causa originária de tais fenômenos. O charlatanismo, porém, os tem amiúde explorado e exagerado, de sorte a lançá-los ao ridículo.”

a) — De que natureza são, em geral, os Espíritos que concorrem para a produção desta espécie de fenômenos?

“Pouco elevada. Supondes que Espíritos superiores se deleitem com tais coisas?”

482. Como é que sucede estender-se subitamente a toda uma população o estado anormal dos convulsionários e dos que sofrem de crises nervosas?

“Efeito de simpatia. As disposições morais se comunicam mui facilmente, em certos casos. Não é tão alheio aos efeitos magnéticos que não compreendas isto e a parte que alguns Espíritos naturalmente tomam no fato, por simpatia com os que os provocam.”

Entre as singulares faculdades que se notam nos convulsionários, algumas facilmente se reconhecem, de que numerosos exemplos oferecem o sonambulismo e o magnetismo, tais como, além de outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão das dores, por simpatia, etc. Não há, pois, duvidar de que aqueles em quem tais crises se manifestam estejam numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, inconscientemente.

483. Qual a causa da insensibilidade física que se observa em alguns convulsionários, assim como em outros indivíduos submetidos às mais atrozes torturas?

“Em alguns é, exclusivamente, efeito do magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso, do mesmo modo que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade. Dir-se-ia que nestes a vida se retirou do corpo, para se concentrar toda no Espírito. Não sabeis que, quando o Espírito está vivamente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, nada vê e nada ouve?”

A exaltação fanática e o entusiasmo hão proporcionado, em casos de suplícios, múltiplos exemplos de uma calma e de um sangue frio que não seriam capazes de triunfar de uma dor aguda, senão admitindo-se que a sensibilidade se acha neutralizada, como por efeito de um anestésico. Sabe-se que, no ardor da batalha, combatentes há que não se apercebem de que estão gravemente feridos, ao passo que, em circunstâncias ordinárias, uma simples arranhadura os poria trêmulos.

Visto que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, lícito se torna perguntar como há podido uma autoridade pública fazê-los cessar em alguns casos.

Simple a razão. Meramente secundária é aqui a ação dos Espíritos, que nada mais fazem do que aproveitar-se de uma disposição natural. A autoridade não suprimiu essa disposição, mas a causa que a entretinha e exaltava. De ativa que era, passou esta a ser latente. E a autoridade teve razão para assim proceder, porque do fato resultava abuso e escândalo. Sabe-se, demais, que semelhante intervenção nenhum poder absolutamente tem, quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

252. Algumas vezes as ideias dos homens de inteligência e de gênio surgem do seu próprio Espírito, mas com frequência lhes são sugeridas por outros Espíritos, que os julgam capazes de as compreender e dignos de as transmitir. Quando eles não as encontram em si mesmos, apela para a inspiração: é uma evocação que fazem, sem disso suspeitar.

(L.E., 462)

253. Se fosse útil distinguir claramente os nossos próprios pensamentos dos que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio de fazê-lo. Quando uma coisa permanece no vago, é que assim deve ser para o nosso bem.

(L.E., 462, comentário de Kardec)

254. O primeiro impulso pode ser bom ou mau, segundo a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para aquele que ouve as boas inspirações.

(L.E., 463)

255. Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal; quando ele o faz, é por sua própria vontade e, conseqüentemente, terá de sofrer as conseqüências. Deus pode deixá-lo fazer, para vos provar, mas jamais o ordena e cabe a vós repeli-lo.

(L.E., 470)

256. Quase sempre o sentimento de angústia, de ansiedade indefinível ou de satisfação interior, sem causa conhecida, é um efeito das comunicações que, sem o saber, tivestes com os Espíritos durante o sono.

(L.E., 471)

257. O Espírito não entra num corpo como entras numa casa: ele se assimila a um Espírito encarnado que tem os seus mesmos defeitos e as suas mesmas qualidades, para agir conjuntamente; mas é sempre o Espírito encarnado que age como quer sobre a matéria de que está revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que se acha encarnado, porque a alma e corpo estão ligados até o tempo marcado para o termo da existência material.

(L.E., 473)

258. Há, porém, casos em que a alma pode encontrar-se na dependência de outro Espírito, de maneira a se ver por ele subjugada ou obsidiada, ao ponto de ser sua vontade paralisada. Esses são os verdadeiros possessos; mas fica sabendo que essa dominação jamais se efetua sem a participação daquele que sofre, seja por sua fraqueza, seja pelo seu desejo.

(L.E., 474)

259. Os Espíritos exercem papel muito grande nos fenômenos produzidos entre os indivíduos designados pelo nome de convulsionários, cuja primeira fonte é o magnetismo. São pouco elevados, porém, os Espíritos que concorrem para essa espécie de fenômenos.

(L.E., 481 e 481-A)

260. Entre as faculdades estranhas que se notam entre os convulsionários, veem-se com facilidade aquelas de que o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão simpática de dores etc. Esses indivíduos parecem estar numa espécie de estado sonambúlico desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre outros. São eles, neste caso, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, sem o saber.

(L.E., 482)

261. A causa da insensibilidade física que se verifica entre os convulsionários é, entre uns, efeito exclusivamente magnético, que age sobre o sistema nervoso da mesma maneira que certas substâncias. Entre outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade, pelo que a vida parece haver-se retirado do corpo e transportado ao Espírito.

(L.E., 483)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

262. A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem muitas vezes, nos casos de suplício, o exemplo de uma calma e de um sangue frio que não poderiam triunfar de uma dor aguda, se não se admitisse que a sensibilidade foi neutralizada por uma espécie de efeito anestésico.
(L.E., 483, comentário de Kardec)

V – AFEIÇÃO DOS ESPÍRITOS POR CERTAS PESSOAS

484. Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas?

“Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade dos sentimentos.”

485. É exclusivamente moral a afeição que os Espíritos votam a certas pessoas?

“A verdadeira afeição nada tem de carnal; mas, quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre o faz só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se uma reminiscência das paixões humanas.”

486. Interessam-se os Espíritos pelas nossas desgraças e pela nossa prosperidade? Afligem-se os que nos querem bem com os males que padecemos durante a vida?

“Os bons Espíritos fazem todo o bem que lhes é possível e se sentem ditosos com as vossas alegrias. Afligem-se com os vossos males, quando os não suportais com resignação, porque nenhum benefício então tirais deles, assemelhando-vos, em tais casos, ao doente que rejeita a beberagem amarga que o há de curar.”

487. Dentre os nossos males, de que natureza são os de que mais se afligem os Espíritos por nossa causa?

Serão os males físicos ou os morais?

“O vosso egoísmo e a dureza dos vossos corações. Daí decorre tudo o mais. Riem-se de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição. Rejubilam com os que redundam na abreviação do tempo das vossas provas.”

Sabendo ser transitória a vida corporal e que as tribulações que lhe são inerentes constituem meios de alcançarmos melhor estado, os Espíritos mais se afligem pelos nossos males devidos a causas de ordem moral, do que pelos nossos sofrimentos físicos, todos passageiros.

Pouco se incomodam com as desgraças que apenas atingem as nossas idéias mundanas, tal qual fazemos com as mágoas pueris das crianças.

Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, os apreciam de um modo diverso do nosso. Então, ao passo que os bons nos levantam o ânimo no interesse do nosso futuro, os outros nos impelem ao desespero, objetivando comprometer-nos.

488. Os parentes e amigos, que nos precederam na outra vida, maior simpatia nos votam do que os Espíritos que nos são estranhos?

“Sem dúvida e quase sempre vos protegem como Espíritos, de acordo com o poder de que dispõem.”

a) — São sensíveis à afeição que lhes conservamos?

“Muito sensíveis, mas esquecem-se dos que os olvidam.”

Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas

Os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem

1. Os Espíritos devotam afeição aos encarnados de acordo com as afinidades que entre eles existam. Assim, os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores afinizam-se com as criaturas viciosas ou que podem tornar-se tais. Daí se derivam as afeições, que nada mais são que consequências da conformidade dos sentimentos.

2. O ser humano tem, pois, no Mundo Espiritual, amigos que podem perfeitamente interceder por sua felicidade, a fim de assegurar-lhe a estabilidade de que necessita para lutar e servir, amar e vencer, apesar do assédio dos desencarnados que lhe foram comparsas em dramas do passado.

3. São eles – esses amigos de Mais Alto – que acordam a esperança e restauram o bom ânimo nos indivíduos que se veem a braços com as investidas provenientes do plano espiritual.

4. Os Espíritos Superiores nutrem sentimentos elevados para com encarnados e desencarnados. Essas ligações afetivas nada têm que se assemelhe às afeições carnis. Isso, porém, nem sempre se dá com os Espíritos inferiores.

5. Embora a verdadeira afeição nada tenha de carnal, pode ocorrer que um Espírito, quando se apega a uma pessoa, nem sempre o faça só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se, também, uma reminiscência das paixões humanas.

Os Benfeitores espirituais ficam felizes com a nossa felicidade

6. Os bons Espíritos se preocupam com os nossos males, do mesmo jeito que compartilham as nossas alegrias. Procurando fazer-nos todo o bem que lhes seja possível, é natural que se sintam ditosos com a nossa felicidade e os nossos momentos de alegria.

7. No tocante aos males que nos possam atingir, é preciso lembrar que eles se dividem em físicos e morais.

8. Sabendo ser transitória a existência corporal e que as tribulações a ela inerentes constituem meios de alcançarmos uma situação melhor, os bons Espíritos se afligem mais com os males que tenham origem em causas de ordem moral do que com os nossos sofrimentos físicos, todos passageiros..

9. Assim, eles pouco se incomodam com as desgraças que atingem as nossas idéias e preocupações mundanas, do mesmo modo como, aliás, agimos com relação às mágoas pueris das crianças.

10. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, eles as consideram como uma crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo. Entretanto, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, apreciam-nos de um modo diverso do nosso.

O nosso egoísmo e a dureza do nosso coração preocupam os bons Espíritos

11. Em casos assim, os bons Espíritos procuram levantar-nos o ânimo no interesse do nosso futuro, enquanto os Espíritos inferiores, com o objetivo de comprometer-nos, nos impelem ao desespero.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

12. À vista dos ensinamentos espíritas, podemos deduzir assim as seguintes conclusões em torno do assunto examinado:

– Os bons Espíritos se afligem quando nós, diante de um mal qualquer, não sabemos suportá-lo com resignação; os inferiores, no entanto, se rejubilam com a nossa postura negativa.

– Os males morais que mais preocupam os Benfeitores Espirituais são o nosso egoísmo e a dureza dos nossos corações, do que, ensina o Espiritismo, decorre tudo o mais. Nossos adversários desencarnados e os maus Espíritos, porém, adoram tal comportamento.

– Os bons Espíritos se riem de todos os males imaginários que nascem do nosso orgulho e da nossa ambição. Os inferiores, contudo, valem-se deles para, se for possível, afundar-nos mais ainda no fosso da amargura.

– Os Benfeitores Espirituais se rejubilam com os males e os sofrimentos que redundam na abreviação do tempo de nossas provas. Os infelizes não gostam nada disso e buscam, quando a ocasião se apresente, obter exatamente o resultado contrário.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 484 a 487.)

Peralva Martins, O Pensamento de Emmanuel, (p. 150.)

VI – ANJOS DA GUARDA, ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

489. Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?

“Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.”

490. Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião?

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. Qual a missão do Espírito protetor?

“A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento?

“Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.”

493. É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor?

“O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.”

a) — Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos?

“Não; mas protege-os menos exclusivamente.”

494. O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda?

“Frequentemente sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.”

495. Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?

“Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.

“É uma doutrina, esta, dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, devera converter os mais incrédulos.

Não vos parece grandemente consoladora a idéia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão.

Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos.

“Ah! se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! Quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: ‘Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo?’

Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!’ Oh! interrogai os vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e idéias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai!

Tendes guias, segui-os, que a meta não vos pode faltar, porquanto essa meta é o próprio Deus.

“Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é, e, não obstante viverem noutro mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo de guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando ele lhe despreza os conselhos.

“Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância.

Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginai que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para os repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?”

SÃO LUÍS, SANTO AGOSTINHO.

Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiães, a velarem pelos seus protegidos, malgrado à distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, e auxiliá-lo com seus conselhos correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal, que entrelaça todos os mundos, tornando-os solidários; veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o da transmissão do som?

496. O Espírito, que abandona o seu protegido, que deixa de lhe fazer bem, pode fazer-lhe mal?

“Os bons Espíritos nunca fazem mal. Deixam que o façam aqueles que lhes tomam o lugar. Costumais então lançar à conta da sorte as desgraças que vos acabrunham, quando só as sofreis por culpa vossa.”

497. Pode um Espírito protetor deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que lhe queira fazer mal?

“Os maus Espíritos se unem para neutralizar a ação dos bons. Mas, se o quiser, o protegido dará toda a força ao seu protetor. Pode acontecer que o bom Espírito encontre alhures uma boa vontade a ser auxiliada. Aplica-se então em auxiliá-la, aguardando que seu protegido lhe volte.”

498. Será por não poder lutar contra Espíritos malévolos que um Espírito protetor deixa que seu protegido se transvie na vida?

“Não é porque não possa, mas porque não quer. E não quer, porque das provas sai o seu protegido mais instruído e perfeito. Assiste-o sempre com seus conselhos, dando-os por meio dos bons pensamentos que lhe inspira, porém que quase nunca são atendidos. A fraqueza, o descuido ou o orgulho do homem são exclusivamente o que empresta força aos maus Espíritos, cujo poder todo advém do fato de lhes não opordes resistência.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

499. O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido?

Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?

“Há circunstâncias em que não é necessário esteja o Espírito protetor junto do seu protegido.”

500. Momentos haverá em que o Espírito deixe de precisar, de então por diante, do seu protetor?

“Sim, quando ele atinge o ponto de poder guiar-se a si mesmo, como sucede ao estudante, para o qual um momento chega em que não mais precisa de mestre. Isso, porém, não se dá na Terra.”

501. Por que é oculta a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo?

“Se vos fosse dado contar sempre com a ação deles, não obraríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria.

Para que este possa adiantar-se, precisa de experiência, adquirindo-a frequentemente à sua custa. É necessário que exercite suas forças, sem o que, seria como a criança a quem não consentem que ande sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre-arbítrio, porquanto, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis na senda que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Sobre ele, entretanto, vela o seu guia e, de tempos a tempos, lhe brada, advertindo-o do perigo.”

502. O Espírito protetor, que consegue trazer ao bom caminho o seu protegido, lucra algum bem para si?

“Constitui isso um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. Sente-se ditoso quando vê bem-sucedidos os seus esforços, o que representa, para ele, um triunfo, como triunfo é, para um preceptor, os bons êxitos do seu educando.”

a) — É responsável pelo mau resultado de seus esforços?

“Não, pois que fez o que de si dependia.”

503. Sofre o Espírito protetor quando vê que seu protegido segue mau caminho, não obstante os avisos que dele recebe? Não há aí uma causa de turbção da sua felicidade?

“Compungem-no os erros do seu protegido, a quem lastima. Tal aflição, porém, não tem analogia com as angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que não se faz hoje, amanhã se fará.”

504. Poderemos sempre saber o nome do Espírito nosso protetor, ou anjo de guarda?

“Como quereis saber nomes para vós inexistentes?

Supondes que Espíritos só há os que conheceis?”

a) — Como então o podemos invocar, se o não conhecemos?

“Dai-lhe o nome que quiserdes, o de Espírito superior que vos inspire simpatia ou veneração. O vosso protetor acudirá ao apelo que com esse nome lhe dirigirdes, visto que todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem mutuamente.”

505. Os protetores, que dão nomes conhecidos, sempre são, realmente, os Espíritos das personalidades que tiveram esses nomes?

“Não. Muitas vezes, os que os dão são Espíritos simpáticos aos que de tais nomes usaram na Terra e, a mando destes, respondem ao vosso chamamento. Fazeis questão de nomes; eles tomam um que vos inspire confiança. Quando não podeis desempenhar pessoalmente determinada missão, não costumais mandar que outro, por quem respondeis como por vós mesmos, obre em vosso nome?”

506. Na vida espírita, reconheceremos o Espírito nosso protetor?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

“Decerto, pois não é raro que o tenhais conhecido antes de encarnardes.”

507. Pertencem todos os Espíritos protetores à classe dos Espíritos elevados? Podem contar-se entre os de classe média? Um pai, por exemplo, pode tornar-se o Espírito protetor de seu filho?

“Pode, mas a proteção pressupõe certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai, que protege seu filho, também pode ser assistido por um Espírito mais elevado.”

508. Os Espíritos que se achavam em boas condições ao deixarem a Terra, sempre podem proteger os que lhes são caros e que lhes sobrevivem?

“Mais ou menos restrito é o poder de que desfrutam. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.”

509. Quando em estado de selvageria ou de inferioridade moral, têm os homens, igualmente, seus Espíritos protetores?

E, assim sendo, esses Espíritos são de ordem tão elevada quanto a dos Espíritos protetores de homens muito adiantados?

“Todo homem tem um Espírito que por ele vela, mas as missões são relativas ao fim que visam. Não dais a uma criança, que está aprendendo a ler, um professor de filosofia.

O progresso do Espírito familiar guarda relação com o do Espírito protegido. Tendo um Espírito que vela por vós, podeis tornar-vos, a vosso turno, o protetor de outro que vos seja inferior e os progressos que este realize, com o auxílio que lhe dispensardes, contribuirão para o vosso adiantamento.

Deus não exige do Espírito mais do que comportem a sua natureza e o grau de elevação a que já chegou.”

510. Quando o pai, que vela pelo filho, reencarna, continua a velar por ele?

“Isso é mais difícil. Contudo, de certo modo o faz, pedindo, num instante de desprendimento, a um Espírito simpático que o assista nessa missão. Demais, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até ao fim.

“Encarnado, mormente em mundo onde a existência é material, o Espírito se acha muito sujeito ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro Espírito, isto é, para poder assisti-lo pessoalmente. Tanto assim que os que ainda se não elevaram bastante são também assistidos por outros, que lhes estão acima, de tal sorte que, se por qualquer circunstância um vem a faltar, outro lhe supre a falta.”

511. A cada indivíduo achar-se-á ligado, além do Espírito protetor, um mau Espírito, com o fim de impeli-lo ao erro e de lhe proporcionar ocasiões de lutar entre o bem e o mal?

“Ligado, não é o termo. É certo que os maus Espíritos procuram desviar do bom caminho o homem, quando se lhes depara ocasião. Sempre, porém, que um deles se liga a um indivíduo, fá-lo por si mesmo, porque conta ser atendido.

Há então luta entre o bom e o mau, vencendo aquele por quem o homem se deixe influenciar.”

512. Podemos ter muitos Espíritos protetores?

“Todo homem conta sempre Espíritos, mais ou menos elevados, que com ele simpatizam, que lhe dedicam afeto e por ele se interessam, como também tem junto de si outros que o assistem no mal.”

513. Os Espíritos que conosco simpatizam atuam em cumprimento de missão?

“Não raro, desempenham missão temporária; porém, as mais das vezes, são apenas atraídos pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

a) — Parece lícito inferir-se daí que os Espíritos a quem somos simpáticos podem ser bons ou maus, não?

“Sim, qualquer que seja o seu caráter, o homem sempre encontra Espíritos que com ele simpatizam.”

514. Os Espíritos familiares são os mesmos a quem chamamos Espíritos simpáticos ou Espíritos protetores?

“Há gradações na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quiserdes. O Espírito familiar é antes o amigo da casa.”

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se afeiçoam ao homem, pode-se deduzir o seguinte:

O Espírito protetor, anjo de guarda, ou bom gênio é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir.

É sempre de natureza superior, com relação ao protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder, quase sempre muito restrito, de que dispõem.

São bons, porém muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boa mente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e ainda por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De ordinário, a duração de suas relações se acha subordinada às circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso, que se liga ao homem para desviá-lo do bem. Obra, porém, por impulso próprio e não no desempenho de missão. A tenacidade da sua ação está em relação direta com a maior ou menor facilidade de acesso que encontre por parte do homem, que goza sempre da liberdade de escutar-lhe a voz ou de lhe cerrar os ouvidos.

515. Que se há de pensar dessas pessoas que se ligam a certos indivíduos para levá-los à perdição, ou para guiá-los pelo bom caminho?

“Efetivamente, certas pessoas exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso se dá no sentido do mal, são maus Espíritos, de que outros Espíritos também maus se servem para subjugar-las.

Deus permite que tal coisa ocorra para vos experimentar.”

516. Poderiam os nossos, bom e mau gênios encarnar, a fim de mais de perto nos acompanharem na vida?

“Isso às vezes se dá. Porém, o que mais frequentemente se verifica é encarregarem dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.”

517. Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la?

“Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma determinada família, que vivem juntos e unidos pela afeição; mas, não acrediteis em Espíritos protetores do orgulho das raças.”

518. Assim como são atraídos, pela simpatia, para certos indivíduos, são no igualmente os Espíritos, por motivos particulares, para as reuniões de indivíduos?

“Os Espíritos preferem estar no meio dos que se lhes assemelham. Acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. É pelas suas tendências que o homem atrai os Espíritos e isso quer esteja só, quer faça parte de um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade, ou um povo.

Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes, assistidos por Espíritos mais ou menos elevados. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os repelem. Segue-se que o aperfeiçoamento moral das coletividades, como o

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e alimentam nelas o sentimento do bem, como outros lhes podem insuflar as paixões grosseiras.”

519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores especiais?

“Têm, pela razão de que esses agregados são individualidades coletivas que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior.”

520. Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos?

“Tudo é relativo ao grau de adiantamento, quer se trate de coletividades, quer de indivíduos.”

521. Podem certos Espíritos auxiliar o progresso das artes, protegendo os que às artes se dedicam?

“Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Que queres, porém, que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.”

Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais.

As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores, sob várias designações.

Tendo todo homem Espíritos que com ele simpatizam, claro é que, nos corpos coletivos, a generalidade dos Espíritos que lhes votam simpatia está em proporção com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e das idéias; em suma, que esses agregados de pessoas, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos bem assistidos e influenciados, de acordo com a natureza dos sentimentos dominantes entre os elementos que os compõem.

Nos povos, determinam a atração dos Espíritos os costumes, os hábitos, o caráter dominante e as leis, as leis sobretudo, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. Fazendo reinar em seu seio a justiça, os homens combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à Humanidade, os bons Espíritos ficam em minoria e a multidão, que afluí, dos maus mantém a nação aferrada às suas idéias e paralisa as boas influências parciais, que ficam perdidas no conjunto, como insuladas espigas entre espinheiros.

Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, facilmente se forma idéia da população oculta que se lhes imiscui no modo de pensar e nos atos.

Espíritos protetores

Os anjos são seres que percorreram todos os graus da evolução

1. Para se entender o que representam os “anjos da guarda” ou os “protetores espirituais” em nossa vida, é preciso em primeiro lugar rememorar o significado da palavra anjo. Como já vimos, de acordo com o Espiritismo aqueles a quem chamamos anjos são criaturas de Deus que já percorreram todos os graus da evolução. Uns – revela a questão nº 129 d’O Livro dos Espíritos – aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa ao seu destino; outros levaram mais tempo.

2. As religiões, em sua grande maioria, senão na totalidade, falam de anjos e, conquanto lhes deem nomes diversos, situam-nos em uma posição superior com relação à Humanidade. Os anjos seriam, para quase todas elas, intermediários entre Deus e os homens, uma ideia evidentemente negada pelos materialistas, que não admitem nada além da matéria e, por isso, põem os anjos entre as ficções e alegorias que seduzem o ser humano.

3. Segundo a Doutrina Espírita, a alma é criada simples e ignorante, e pouco a pouco se desenvolve, se aperfeiçoa e se adianta na hierarquia espiritual, até atingir o estado de **Espírito puro** ou **anjo**. Os anjos nada mais são, portanto, que as almas dos homens chegados ao grau de perfeição acessível à criatura humana.

4. Como a Humanidade não se limita à Terra, antes mesmo da formação do nosso planeta já existiam Espíritos que, havendo percorrido as numerosas etapas da evolução, atingiram a condição de Espíritos puros. Como as suas existências corpóreas se passaram noutra época, bastante longínqua, é evidente que, ao conhecê-los, o homem supôs que tais seres tivessem sido criados assim, já perfeitos, desde o começo.

A missão do protetor espiritual é como a de um bom pai

5. As entidades espirituais designadas pelos nomes de “anjo da guarda”, “anjo guardião” ou “protetor espiritual” nada têm, contudo, que ver com os anjos propriamente ditos. Os protetores espirituais, que Deus concede a cada uma de suas criaturas, são Espíritos como nós mesmos, ainda no caminho da evolução, e não Espíritos puros, chegados ao ápice da evolução, embora muitos protetores espirituais sejam Espíritos de alta envergadura moral.

6. Existem diferenças entre “protetor espiritual”, Espírito familiar e Espírito simpático. Os Espíritos familiares são os que se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder de que dispõem. Podem ser bons, porém muitas vezes são pouco adiantados e, por isso, se ocupam com as particularidades da vida íntima das pessoas, só atuando por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

7. Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e também por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal.

8. Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é o Espírito que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É ele sempre de natureza superior com relação ao seu protegido. Sua missão é como a de um pai com relação ao filho: guiá-lo pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida. O protetor espiritual dedica-se ao seu protegido desde o seu nascimento até a morte, e muitas vezes o acompanha na vida espiritual, depois de sua desencarnação.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

9. Aos que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa, e de todos os instantes, dizem os instrutores espirituais que eles influenciam nossas almas estando, às vezes, a milhões de léguas de distância, porquanto para eles o espaço não existe e, mesmo vivendo em outro mundo, eles podem conservar ligação conosco. Cada anjo da guarda tem, pois, o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho, sentindo-se feliz quando o vê no bom caminho ou triste quando seus conselhos são desprezados.

Todos os homens ligados à Terra têm o seu protetor espiritual

10. Uma vez que aceitou tal tarefa, o protetor espiritual se obriga a velar por seu protegido. Evidentemente, antes de assumi-la, pode ele escolher, como protegido, um ser que lhe seja simpático. Assim é que, enquanto para uns a missão que lhes compete é um prazer, para outros constitui tão-somente um dever. O protetor espiritual não fica, porém, constantemente ao lado do seu protegido, pois há circunstâncias em que a sua presença não é necessária. Quando vê que seus conselhos são inúteis, ele pode afastar-se, mas jamais abandona por completo seu protegido, buscando sempre fazer-se ouvir. E voltará, com certeza, para junto de seu protegido, desde que este o chame.

11. Se, porém, no curso de sua missão, ele precisar afastar-se para cumprir outras tarefas, incompatíveis com aquela, será substituído por outro Espírito, de tal maneira que ninguém, em momento algum, fica desprovido de proteção espiritual, exceto quando a criatura pode guiar-se por si mesma, caso em que não mais terá necessidade de anjo da guarda; mas isso – informa a questão nº500 d'O Livro dos Espíritos – não acontece na Terra.

12. A ação dos Espíritos que nos querem bem é sempre regulada de maneira a nos deixar o livre-arbítrio. É a sabedoria de Deus que assim o exige, porquanto se não tivéssemos responsabilidade não nos adiantaríamos na senda que deve conduzir-nos ao Criador.

13. O protetor espiritual, como vimos anteriormente, sente-se feliz quando vê os seus cuidados coroados de sucesso. Conseguir tal façanha é para ele um triunfo, como um preceptor triunfa com os sucessos do seu discípulo. Mas ele sofre com os erros de seu protegido, e os lamenta, embora sua aflição nada tenha das angústias da paternidade terrena, visto que sabe que há remédio para o mal e que o que hoje não se fez amanhã se fará.

14. Concluindo, podemos assegurar, com base no que ensina o Espiritismo, que cada homem, mesmo o selvagem, tem um Espírito que vela por ele, e o mesmo se dá com as sociedades, as cidades e as nações, as quais têm Espíritos protetores especiais, porque marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 129, 491 a 519.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (cap. VIII, itens 1 a 14.)

VII – PRESENTIMENTOS

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

“É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o Espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas, caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.”

523. Acontecendo que os pressentimentos e a voz do instinto são sempre algum tanto vagos, que devemos fazer, na incerteza em que ficamos?

“Quando te achares na incerteza, invoca o teu bom Espírito, ou ora a Deus, soberano senhor de todos, e ele te enviará um de seus mensageiros, um de nós.”

524. Os avisos dos Espíritos protetores objetivam unicamente o nosso procedimento moral, ou também o proceder que devemos adotar nos assuntos da vida particular?

“Tudo. Eles se esforçam para que vivais o melhor possível.

Mas, quase sempre tapais os ouvidos aos avisos salutareos e vos tornais desgraçados por culpa vossa.”

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo.

Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam. Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os houvera escutado.

Telepatia e pressentimentos

Telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro

1. Os Espíritos exercem tamanha influência sobre nossos pensamentos e atos que amiúde somos por eles dirigidos. O fato se dá porque eles povoam os mesmos espaços em que vivemos, acompanham-nos em nossas atividades e ocupações, intervêm em nossas reuniões e nos seguem ou nos evitam, conforme os atraímos ou repelimos. Estamos, pois, cercados por Espíritos, independentemente de sermos ou não médiuns produtivos, e sua influência oculta sobre nós se faz sentir em razão do grau de afinidade que mantivermos com eles.

2. Essa influência é, às vezes, tão sutil que não conseguimos estabelecer uma separação entre o que nos é próprio e o que é dos Espíritos. Daí é fácil deduzir que entre nossas idéias e imagens mentais podem estar disseminadas idéias e desejos de Espíritos estranhos, sem que disso nos apercebamos.

3. Analisando essa influência podemos entender melhor o fenômeno vulgarmente denominado telepatia, que consiste, em essência, na ocorrência de uma impressão psíquica intensa que se manifesta geralmente de inopino, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão essa que tem ligação com um acontecimento desenrolado a distância. Resumidamente, telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro.

4. Há entre certos indivíduos uma certa comunicação de pensamentos que dá causa a que se vejam e se compreendam sem precisarem, para isso, dos sinais ostensivos da linguagem. Pode-se dizer que eles falam a linguagem dos Espíritos. Em tais fenômenos há sempre alguém que é mais apto para transmitir o pensamento e outro com maior predisposição para ser receptor.

O termo telepatia foi proposto por Frederic Myers em 1882

5. O estudo da telepatia iniciou-se por volta de 1825, quando se fizeram na França as primeiras experiências magnéticas, mas somente muito mais tarde é que se encarou a telepatia com seriedade científica. O termo foi proposto por Frederic Myers em 1882 e adotado nos trabalhos da Society Psychical Research. Asseverou Myers: “Entendo por telepatia a transmissão do pensamento e das sensações, feita pelo Espírito de um indivíduo a outro sem que seja pronunciada uma palavra, escrito um vocábulo ou feito um sinal”.

6. A telepatia faz-nos subir mais um degrau na escala da vida psíquica. Achamo-nos diante desse fenômeno na presença de um ato poderoso da vontade. As manifestações telepáticas não comportam limites. O poder e a independência da alma nelas se revelam soberanamente porque o corpo físico nenhum papel representa no fenômeno; em verdade, ele constitui mais um obstáculo do que um auxílio. Por causa disso, tais manifestações se produzem com maior intensidade depois da morte.

7. A telepatia pode ser espontânea ou experimental.

8. A telepatia espontânea subdivide-se em:

A) relativa a um acontecimento futuro iminente – casos de pressentimentos, premonições, visões premonitórias e aparições de moribundos;

B) relativa ao presente ou a um passado recente – casos de visões nítidas ou adivinhação de acontecimentos afastados, bem como aparições de vivos. Com frequência, o fenômeno diz respeito a uma pessoa unida ao percipiente por laços afetivos mais ou menos fortes.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

Pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras

9. A telepatia experimental engloba os casos que traduzem uma impressão psíquica produzida a distância sobre uma pessoa pela ação e força da vontade de outra pessoa. Os estudiosos reconhecem, porém, que a telepatia experimental encontra-se longe de ser estabelecida de modo tão nítido quanto a espontânea.

10. Um outro tipo de influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos é o pressentimento, que é definido por Allan Kardec em **O Livro dos Médiuns** como sendo uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas, diz o Codificador, têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. O fato deve-se às vezes a uma espécie de dupla vista, que permite ao indivíduo entrever as consequências e a filiação dos acontecimentos; mas, em muitos casos, é o resultado de comunicações ocultas. É então, sobretudo nesses casos, que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

11. Neste último caso, isto é, no pressentimento como consequência de uma comunicação oculta, quem geralmente se comunica é um Espírito amigo e bondoso, alguém que traz um conselho íntimo ou uma advertência carinhosa a uma pessoa estimada.

12. O pressentimento pode manifestar-se também através de uma vaga lembrança que o Espírito tem das provas ou dos acontecimentos a que deverá submeter-se. Pressentir a hora da desencarnação, por exemplo, tem sido uma ocorrência até certo ponto comum em muitos indivíduos. E se alguns pressentem a sua desencarnação porque foram avisados por parentes ou amigos desencarnados, outros, contudo, têm disso uma firme convicção sem que saibam explicar o motivo.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 421, 459 e 522.)

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (itens 184 e 232.)

Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (p. 91.)

Camille Flammarion, O Desconhecido e os Problemas Psíquicos, (vol. 1, p. 111 e 112),
(vol. 2, p. 38, 39 e 47.)

Gustave Geley, O Ser Subconsciente, (pp. 109 a 111.)

João Teixeira de Paula, Dicionário Enciclopédico Ilustrado, (pp. 257 e 258.)

VIII – INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS ACONTECIMENTOS DA VIDA

525. Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, pois que vos aconselham.”

a) — Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas?

“Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.”

Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o concurso deles.

Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a idéia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. Tendo, como têm, ação sobre a matéria, podem os Espíritos provocar certos efeitos, com o objetivo de que se dê um acontecimento? Por exemplo: um homem tem que morrer; sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada, para que o destino daquele homem se cumprisse?

“É exato que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das leis da Natureza, não para as derrogar, fazendo que, em dado momento, ocorra um sucesso inesperado e em contrário àquelas leis. No exemplo que figuraste, a escada se quebrou porque se achava podre, ou por não ser bastante forte para suportar o peso de um homem. Se era destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a idéia de subir a escada em questão, que teria de quebrar-se com o seu peso, resultando-lhe daí a morte por um efeito natural e sem que para isso fosse mister a produção de um milagre.”

527. Tomemos outro exemplo, em que não entre a matéria em seu estado natural. Um homem tem que morrer fulminado pelo raio. Refugia-se debaixo de uma árvore.

Estala o raio e o mata. Poderá dar-se tenham sido os

Espíritos que provocaram a produção do raio e que o dirigiram para o homem?

“Dá-se o mesmo que anteriormente. O raio caiu sobre aquela árvore em tal momento, porque estava nas leis da Natureza que assim acontecesse. Não foi encaminhado para a árvore, por se achar debaixo dela o homem. A este, sim, foi inspirada a idéia de se abrigar debaixo de uma árvore sobre a qual cairia o raio, porquanto a árvore não deixaria de ser atingida, só por não lhe estar debaixo da fronde o homem.”

528. No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?

“Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a idéia de se desviar, ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.”

529. Que se deve pensar das balas encantadas, de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo?

“Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.”

a) — Podem os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos ter obstada sua ação por Espíritos que queiram o contrário?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

“O que Deus quer se executa. Se houver demora na execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque ele assim o quis.”

530. Não podem os Espíritos levianos e zombeteiros criar pequenos embaraços à realização dos nossos projetos e transtornar as nossas previsões? Serão eles, numa palavra, os causadores do que chamamos pequenas misérias da vida humana?

“Eles se comprazem em vos causar aborrecimentos que representam para vós provas destinadas a exercitar a vossa paciência. Cansam-se, porém, quando vêem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo, nem acertado, imputar-lhes todas as decepções que experimentais e de que sois os principais culpados pela vossa irreflexão. Fica certo de que, se a tua louça se quebra, é mais por desazo teu do que por culpa dos Espíritos.”

a) — Destes, os que provocam contrariedades obram impelidos por animosidade pessoal, ou assim procedem contra qualquer, sem motivo determinado, por pura malícia?

“Por uma e outra coisa. Às vezes os que assim vos molestam são inimigos que granjeastes nesta ou em precedente existência. Doutras vezes, nenhum motivo há.”

531. Extingue-se lhes com a vida corpórea a malevolência dos seres que nos fizeram mal na Terra?

“Muitas vezes reconhecem a injustiça com que procederam e o mal que causaram. Mas, também, não é raro que continuem a perseguir-vos, cheios de animosidade, se Deus o permitir, por ainda vos experimentar.”

a) — Pode-se pôr termo a isso? Por que meio?

“Podeis. Orando por eles e lhes retribuindo o mal com o bem, acabarão, compreendendo a injustiça do proceder deles. Demais, se souberdes colocar-vos acima de suas maquinações, deixar-vos-ão, por verificarem que nada lucram.”

A experiência demonstra que alguns Espíritos continuam em outra existência a exercer as vinganças que vinham tomando e que assim, cedo ou tarde, o homem paga o mal que tenha feito a outrem.

532. Têm os Espíritos o poder de afastar de certas pessoas os males e de favorecê-las com a prosperidade?

“De todo, não; porquanto, há males que estão nos decretos da Providência. Amenizam-vos, porém, as dores, dando-vos paciência e resignação.

“Ficai igualmente sabendo que de vós depende muitas vezes poupar-vos aos males, ou, quando menos, atenuá-los.

A inteligência, Deus vo-la outorgou para que dela vos sirvais e é principalmente por meio da vossa inteligência que os Espíritos vos auxiliam, sugerindo-vos idéias propícias ao vosso bem. Mas, não assistem senão os que sabem assistir-se a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá.

“Sabei ainda que nem sempre é um mal o que vos parece sê-lo. Frequentemente, do que considerais um mal sairá um bem muito maior. Quase nunca compreendeis isso, porque só atentais no momento presente ou na vossa própria pessoa.”

533. Podem os Espíritos fazer que obtenham riquezas os que lhes pedem que assim aconteça?

“Algumas vezes, como prova. Quase sempre, porém, recusam, como se recusa à criança a satisfação de um pedido inconsiderado.”

a) — São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

“Uns e outros. Depende da intenção. As mais das vezes, entretanto, os que os concedem são os Espíritos que vos querem arrastar para o mal e que encontram meio fácil de o conseguirem, facilitando-vos os gozos que a riqueza proporciona.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

534. Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos?

“Algumas vezes é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos vossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa têm dos vossos insucessos. Vós mesmos vos constituís em vossos maus gênios.”

535. Quando algo de venturoso nos sucede é ao Espírito nosso protetor que devemos agradecer-lo?

“Agradecei primeiramente a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois, aos bons Espíritos que foram os agentes da sua vontade.”

a) — Que sucederia se nos esquecêssemos de agradecer?

“O que sucede aos ingratos.”

b) — No entanto, pessoas há que não pedem nem agradecem e às quais tudo sai bem!

“Assim é, de fato, mas importa ver o fim. Pagarão bem caro essa felicidade de que não são merecedoras, pois quanto mais houverem recebido, tanto maiores contas terão que prestar.”

Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida

É muito grande a influência dos Espíritos sobre as coisas deste mundo

1. Os homens imaginam erradamente que cabe aos Espíritos tão-somente manifestar sua presença por meio de fenômenos extraordinários. Supomo-los dotados de recursos miraculosos, sempre armados de uma varinha mágica, o que é obviamente um equívoco. Sua influência oculta nas coisas de nosso mundo é, no entanto, muito grande, quer aconselhando-nos diretamente, quer inspirando-nos a fazer tal ou tal coisa, com o cuidado de jamais atuarem fora das leis da Natureza.

2. Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas que evidentemente atribuirão o fato ao acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando a atenção de alguém para determinado ponto, se disso resulta o que tenham em vista, obram eles de tal maneira que o homem, supondo obedecer a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

3. Como o meio em que atuam e o modo como o fazem diferem do que estamos acostumados a ver no estado de encarnação, diferentes são também os efeitos, que parecem sobrenaturais unicamente porque se produzem com o auxílio de agentes que não são iguais àqueles de que nos servimos. Desde, porém, que esses agentes pertencem igualmente à Natureza e as manifestações se dão em virtude de leis estabelecidas pelo Criador, nada existe de sobrenatural ou de maravilhoso em suas manifestações e ações sobre os acontecimentos da vida.

4. Dado que pertencem à ordem natural das coisas, os fenômenos espíritas têm-se produzido em todos os tempos. Consistem eles nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito. É por suas manifestações que o Espírito revela sua existência, sua sobrevivência, sua individualidade.

A vingança é a causa de muitas obsessões, sobretudo das mais graves

5. A influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida pode ser boa ou má; isso depende apenas da natureza do agente. Os Espíritos superiores só fazem o bem; daí é fácil deduzir que sua influência é sempre benéfica à criatura humana.

6. Os Espíritos levianos e zombeteiros se comprazem em causar aborrecimentos, que devem ser levados à conta de provas para a nossa paciência.

7. Os Espíritos impuros, como são incapazes de perdoar o mal que lhes tenham feito, continuam após a desencarnação a exercer a vingança que hajam iniciado ou concebido ainda durante a encarnação. Está aí – na vingança – a causa de muitas obsessões, especialmente das mais graves, tão conhecidas no meio espírita.

8. Aprendemos no Espiritismo que, embora a nossa disposição interior constitua fator relevante para a neutralização da influência negativa exercida por nossos adversários encarnados ou desencarnados, a intercessão dos Benfeitores Espirituais é indiscutível, real e valiosíssima no trabalho de anulação das forças perturbadoras que rondam e ameaçam quantos se proponham a crescer espiritualmente.

A base do intercâmbio entre nós e os Espíritos repousa na mente

9. Espíritos benfazejos procuram inspirar-nos para o bem. Espíritos imperfeitos buscam induzir-nos ao mal. Os primeiros cumprem missão renovadora, em favor da Humanidade; são os

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

chamados Missionários do amor. Os segundos influenciam-nos em sentido contrário, mas na indução para o mal, não cumprem missão alguma; são tão-somente instrumentos da sombra.

10. É preciso, porém, ter em conta que a maioria dos males que nos acontecem depende de nós mesmos evitá-los ou, quando menos, atenuá-los, porque Deus nos concedeu inteligência para dela nos servirmos e, por meio dela, obter o auxílio dos Espíritos superiores.

11. Para que um Espírito, seja bom ou mau, influencie alguém e, assim agindo, interfira nos acontecimentos da vida, é preciso haja sintonia entre ele e a pessoa visada. E a base de todos os serviços de intercâmbio, entre encarnados e desencarnados, repousa na mente.

12. Cada alma – assevera Emmanuel – vive no clima espiritual que elegeu. Em face disso, os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, visto que, segundo sábias palavras de Jesus, “nosso tesouro estará sempre onde colocarmos o coração”.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 525 a 532.)

Kardec Allan, A Gênese, (cap. XIII, itens 6 a 9.)

Emmanuel, Roteiro, de Emmanuel, (psicografia Chico Xavier), (cap. 28, pp. 119 a 121.)

André Luiz, E a vida continua, (psicografia Chico Xavier), (cap. 25.)

Martins Peralva, O Pensamento de Emmanuel, (pp. 150 e 233.)

IX – AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FENÔMENOS DA NATUREZA

536. São devidos a causas fortuitas, ou, ao contrário, têm todos um fim providencial, os grandes fenômenos da Natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos?
“Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.”

a) — Objetivam sempre o homem esses fenômenos?

“Às vezes têm, como imediata razão de ser, o homem.

Na maioria dos casos, entretanto, têm por único motivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.”

b) — Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

“Mas, evidentemente. Nem poderia ser de outro modo.

Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos.”

537. A mitologia dos antigos se fundava inteiramente em idéias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais.

Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?

“Tão pouco destituída é de fundamento, que ainda está muito aquém da verdade.”

a) — Poderá então haver Espíritos que habitem o interior da Terra e presidam aos fenômenos geológicos?

“Tais Espíritos não habitam positivamente a Terra.

Presidem aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm. Dia virá em que receberéis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor.”

538. Formam categoria especial no mundo espírita os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza?

Serão seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados como nós?

“Que foram ou que o serão.”

a) — Pertencem esses Espíritos às ordens superiores ou às inferiores da hierarquia espírita?

“Isso é conforme seja mais ou menos material, mais ou menos inteligente o papel que desempenhem. Uns mandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, assim entre os Espíritos, como entre os homens.”

539. A produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é obra de um só Espírito, ou muitos se reúnem, formando grandes massas, para produzi-los?

“Reúnem-se em massas inumeráveis.”

540. Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?

“Uns, sim, outros não. Estabelecamos uma comparação.

Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

ao conjunto. Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo.

Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!”

Especial

132 – 08/11/2009

O Consolador – (José Carlos Monteiro de Moura)

A tempestade amainada

IX – Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza

Jesus jamais nos deixou entregues à própria sorte, pois até naquela hora, em que a fúria das águas e dos ventos se abatia sobre a barca, achava-se presente no meio de seus discípulos

“E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia também com ele outros barquinhos. E levantou-se grande temporal de vento, e subiram as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia. E ele estava na popa, dormindo sobre uma almofada, e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou e houve grande bonança.” –Marcos, (4:36 a 39.)

Os Evangelhos de Mateus (8:23 a 27), Marcos (4:35 a 41) e Lucas (8:22 a 25) narram de forma quase que idêntica um dos diversos acontecimentos excepcionais que marcaram a presença de Jesus entre nós: a tempestade que ele amainou no mar da Galileia.

Esse caráter extraordinário foi o que, desde o início, despertou a maior atenção de todos para o fato, relacionado entre os seus inúmeros milagres. Em torno dele, criou-se um misto de curiosidade, surpresa e mistério. A própria linguagem utilizada pelos evangelistas serviu para aumentar o seu aspecto misterioso e inusitado, principalmente no tocante à repreensão que Jesus fez aos ventos e à água: “Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança” (Mat. 8:26); “E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (Mar. 4:39); “E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram e fez-se bonança” (Luc. 8: 24).

À luz do Espiritismo, porém, o episódio nada contém de extraordinário, sobrenatural ou milagroso. Trata-se, apenas e tão-somente, de um dos muitos fenômenos de efeitos físicos que ele realizou e que a Doutrina dos Espíritos explica como a consequência de leis que a humanidade mal começa a desvendar e a conhecer.

Na Revista Espírita de fevereiro de 1859 (Edicel, Editora Cultural Espírita Ltda., S.Paulo, Vol. de 1859, p. 89), Kardec se refere a fenômenos semelhantes, dizendo: “É sobretudo necessário não perder de vista este princípio essencial, verdadeira chave da ciência espírita: o agente dos fenômenos vulgares é uma força física material, que pode ser submetida às leis do cálculo, ao passo que nos fenômenos espíritas esse agente é constantemente uma inteligência que tem vontade própria e que não se submete aos nossos caprichos”.

Ainda hoje, grande parcela da humanidade ignora e não compreende Jesus, o alcance e a razão de sua vinda ao mundo

Mais tarde, em A Gênese, demonstrou a total inviabilidade e desnecessidade dos milagres, mesmo quando atribuídos a Deus: “Contudo, em face das coisas divinas, temos, para critério do nosso juízo, os atributos mesmos de Deus. Ao poder soberano reúne ele a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil. Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas, o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia previdência que essa criação revela, a sim nas partes mais gigantescas, como nas mais mínimas, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestímanos sabem imitar? (A Gênese – cap. XIII – item 15.)

Não obstante, até aqueles que conviviam mais de perto com Jesus se mostraram assombrados em face do acontecido: “E sentiram um grande temor, e diziam uns aos outros: Mas quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem”? - Mar. 4:41.

Ainda hoje, grande parcela da humanidade ignora e não compreende Jesus, o alcance e a razão de sua vinda ao mundo e, principalmente, o sentido da mensagem que nos legou. Em face dessa postura de autêntica indigência espiritual, apela para a sua divinização, a fim de tentar explicar a existência dos dons sobrenaturais que lhe confere e aos quais atribui a causa determinante dos

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

extraordinários efeitos que era capaz de produzir, em virtude do pleno e absoluto domínio que possuía sobre todos os elementos de que se compõe o planeta, em virtude de sua condição de Espírito de mais alta categoria que já pisou o solo deste planeta.

O Livro dos Espíritos esclarece, na questão 625, que Jesus foi “o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e de modelo”. Essa informação, aliada àquelas outras que falam da hierarquia dos Espíritos, principalmente as que se encontram nas anotações que se seguem à questão 113, permitem a formulação da explicação lógica para o fenômeno, notadamente em face da reconhecida atuação dos Espíritos sobre a natureza, consoante lição da Espiritualidade Superior, nos termos das perguntas 536 a 540 da mesma obra.

Todos os habitantes do orbe fazem, periodicamente, travessias semelhantes àquela que, um dia, os discípulos fizeram em companhia de Jesus. Contudo, a maioria não consegue ver nela senão o seu lado material e aparente: um barco indo de uma margem para a outra de um lago, de um rio ou de um trecho do mar. Poucos já perceberam que essa travessia significa a própria existência terrena do ser humano, com suas dificuldades, lutas e percalços naturais, verdadeiras tempestades que, muitas vezes, desabam sobre os incautos e desprotegidos viajores.

A maior parte do ministério de Jesus foi exercida nas circunvizinhanças do lago de Genesaré ou mar da Galileia

Os discípulos, apesar da presença física de Jesus, também não assimilaram e nem entenderam o verdadeiro sentido daquela passagem para o outro lado do mar da Galileia e, diante da tormenta, se mostraram impotentes e temerosos, embora fenômenos daquela natureza fossem comuns no lugar, com os quais se achavam mais do que habituados.

Do berço ao túmulo, do túmulo ao berço, existe um roteiro sistemático e imutável, traduzido no “naitre, mourir, renaître encore e progresser sans cesser telle est la loi” (nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei).

São travessias de que ninguém escapa, como consequência natural da lei de causa e efeito e da justiça divina, nos termos da advertência de Jesus contida no Evangelho de Mateus: “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos: e então dará a cada um segundo as suas obras”. -16:27.

A maior parte do ministério de Jesus foi exercida nas circunvizinhanças do lago de Genesaré, ou mar da Galileia, em cuja proximidade se localizavam, entre outras, as cidades de Cafarnaum, Magadã ou Magdala, Betsaida, Corazim e Gadara. Tomando-se como referência, suas próprias palavras - “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes”, Mat. 9:12 – pode deduzir-se que os habitantes daquela região eram os mais carentes de seu auxílio, não obstante as dificuldades naturais em assimilar suas lições e exemplos.

A escolha da travessia marítima, aparentemente desnecessária ou consequência de um mero capricho seu, e a tempestade que, logo a seguir, levantou-se diante da barca, provavelmente provocada por ele em virtude de sua ascendência e superioridade sobre os elementos da natureza, foram episódios usados para testar a fé dos discípulos, em face do espetáculo apavorante que um fenômeno de tal ordem normalmente acarreta. O resultado, conforme se vê das narrativas evangélicas, não foi dos mais animadores. Os seus mais assíduos e próximos companheiros deram um eloquente testemunho de que ainda não haviam aprendido, tanto quanto nós também ainda não aprendemos, a enfrentar as tempestades da vida e se revelaram despreparados e desesperados diante dos obstáculos e dificuldades característicos da existência terrena, exclamando: “Mestre, não se te dá que pereçamos”? - Mar. 4:38.

A sua resposta, antes de repreender os ventos e o mar, foi no sentido de questioná-los a respeito de sua fé: “Por que temeis, homens de pouca fé” -Mat. 8:26.

Isso, em verdade, significa que ele jamais os deixou entregues à sua própria sorte, pois até naquela hora, em que a fúria das águas e dos ventos se abatia sobre a barca, achava-se presente no meio deles.

Só uma condição foi imposta para que o Consolador habite em nós e esteja conosco: a fidelidade aos ensinamentos de Jesus

O mesmo acontece conosco. Em época alguma de nossas tumultuadas e delituosas existências, o Messias nos relegou ao nosso próprio destino. Prometeu estar sempre junto de nós, traçou-nos

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

um caminho e um roteiro, dos quais infelizmente nos afastamos e criamos as tempestades que não sabemos enfrentar e vencer. Essa presença, sempre constante na mensagem evangélica que os homens insistiram em não conhecer ou desvirtuar, se fez mais efetiva a contar de meados do século passado, quando se cumpriu, graças ao trabalho hercúleo de Kardec, a promessa contida no Evangelho de João: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, que ficará convosco para sempre. O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” - Jo. 14: 15 a 17 e 26.

Só uma condição foi imposta para que o Consolador habite em nós e esteja conosco: a fidelidade aos ensinamentos que Jesus nos legou, o que implica, fatalmente, o aumento de nossa confiança e a aquisição de uma fé inabalável, porquanto calcada na razão e na lógica, fatores indispensáveis à nossa evolução ético espiritual.

Foi por isso que, após dialogar com Tomé e Filipe, que se revelavam frágeis, inconstantes e ignorantes, tanto quanto quase toda a humanidade, ele lhes respondeu e respondeu a todos os que ainda se colocam no grupo dos **homens de pouca fé** que: “Na verdade, na verdade, vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai” - Jo. 14:12.

Tempestades, trovoadas, ventanias e furacões, tormentas e borrascas de toda sorte integram o cotidiano do habitante do planeta. Quase sempre são o resultado de sua ação no passado, próximo ou remoto, em razão da inevitabilidade da lei de causa e efeito.

Em O Céu e o Inferno, Alan Kardec enfrenta a questão no **Código Penal da Vida Futura**, cujas normas estão sintetizadas em três princípios:

1º. O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º. Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3º. Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.

A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: tal é a lei da Justiça Divina”.

(Obra citada, item 33.)

Daí se infere, pois, que, na medida em que o homem evoluir, transformará a sua travessia numa tarefa mais suave, e o perigo de ser tragado pelas ondas que se levantam diante dele diminuirá progressivamente. Essa tarefa somente poderá ser realizada e a sua finalidade somente será alcançada quando o Evangelho se transformar em seu principal código, cuja regra áurea, básica, indispensável e absoluta é e será sempre o amor.

X – OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES

541. Durante uma batalha, há Espíritos assistindo e amparando cada um dos exércitos?

“Sim, e que lhes estimulam a coragem.”

Os antigos figuravam os deuses tomando o partido deste ou daquele povo. Esses deuses eram simplesmente Espíritos representados por alegorias.

542. Estando, numa guerra, a justiça sempre de um dos lados, como pode haver Espíritos que tomem o partido dos que se batem por uma causa injusta?

“Bem sabeis haver Espíritos que só se comprazem na discórdia e na destruição. Para esses, a guerra é a guerra.

A justiça da causa pouco os preocupa.”

543. Podem alguns Espíritos influenciar o general na concepção de seus planos de campanha?

“Sem dúvida alguma. Podem influenciá-lo nesse sentido, como com relação a todas as concepções.”

544. Poderiam maus Espíritos suscitar-lhe planos errôneos com o fim de levá-lo à derrota?

“Podem; mas, não tem ele o livre-arbítrio? Se não tiver critério bastante para distinguir uma idéia falsa, sofrerá as consequências e melhor faria se obedecesse, em vez de comandar.”

545. Pode, alguma vez, o general ser guiado por uma espécie de dupla vista, por uma visão intuitiva, que lhe mostre de antemão o resultado de seus planos?

“Isso se dá amiúde com o homem de gênio. É o que ele chama inspiração e o que faz que obre com uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem, os quais se aproveitam das faculdades de que o vêem dotado.”

546. No tumulto dos combates, que se passa com os Espíritos dos que sucumbem? Continuam, após a morte, a interessar-se pela batalha?

“Alguns continuam a interessar-se, outros se afastam.”

Dá-se, nos combates, o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreendido e como que atordoado. Julga não estar morto. Parece-lhe que ainda toma parte na ação. Só pouco a pouco a realidade lhe surge.

547. Após a morte, os Espíritos, que como vivos se guerreavam, continuam a considerar-se inimigos e se conservam encarniçados uns contra os outros?

“Nessas ocasiões, o Espírito nunca está calmo. Pode acontecer que nos primeiros instantes depois da morte ainda odeie o seu inimigo e mesmo o persiga. Quando, porém, se lhe restabelece a serenidade nas idéias, vê que nenhum fundamento há mais para sua animosidade. Contudo, não é impossível que dela guarde vestígios mais ou menos fortes, conforme o seu caráter.”

a) — Continua a ouvir o rumor da batalha?

“Perfeitamente.”

548. O Espírito que, como espectador, assiste calmamente a um combate observa o ato de separar-se a alma do corpo? Como é que esse fenômeno se lhe apresenta à observação?

“Raras são as mortes verdadeiramente instantâneas.

Na maioria dos casos, o Espírito, cujo corpo acaba de ser mortalmente ferido, não tem consciência imediata desse fato. Somente quando ele começa a reconhecer a nova condição em que se acha, é que os assistentes podem distingui-lo, a mover-se ao lado do cadáver. Parece isso tão natural, que nenhum efeito desagradável lhe causa a vista do corpo morto. Tendo-se a vida toda, concentrado no Espírito, só ele prende a atenção dos outros. É com ele que estes conversam, ou a ele é que fazem determinações.”

Os Espíritos durante os combates

Durante uma batalha, há Espíritos assistindo aos combates e amparando cada um dos exércitos. Há Espíritos que só se comprazem na discórdia e na destruição.

Para esses, a guerra é a guerra.
A justiça de causa pouco os preocupa.

No tumulto dos combates, alguns Espíritos continuam a interessar-se pela batalha, outros, entretanto, afastam-se.

Dá-se, nos combates, o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreendido e como atordoado.

Julga não estar morto. Parece-lhe que ainda toma parte na ação. Só pouco a pouco é que a realidade lhe surge.

O Espírito desencarnado em combate nunca está calmo.
Pode acontecer que nos primeiros instantes depois da morte ainda odeie seu inimigo e mesmo o persiga.

Quando, porém, se lhe estabelece a serenidade nas idéias, vê que nenhum fundamento há mais para sua animosidade.

Contudo, não é impossível que dela guarde vestígios mais ou menos fortes, conforme seu caráter.

XI – DOS PACTOS

549. Algo de verdade haverá nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não há pactos. Há, porém, naturezas más que simpatizam com os maus Espíritos. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como hás de fazer.

Chamas então por Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal e que, para te ajudarem, exigem que também os sirvas em seus maus desígnios. Mas, não se segue que o teu vizinho não possa livrar-se deles por meio de uma conjuração oposta e pela ação da sua vontade. Aquele que intenta praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio, maus Espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque dele também precisam esses Espíritos, para o mal que queiram fazer. Nisto apenas é que consiste o pacto.”

O fato de o homem ficar, às vezes, na dependência dos Espíritos inferiores nasce de se entregar aos maus pensamentos que estes lhe sugerem e não de estipulações quaisquer que com eles faça. O pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria representativa da simpatia existente entre um indivíduo de natureza má e Espíritos malfazejos.

550. Qual o sentido das lendas fantásticas em que figuram indivíduos que teriam vendido suas almas a Satanás para obterem certos favores?

“Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral. O vosso erro consiste em tomá-las ao pé da letra. Isso a que te referes é uma alegoria, que se pode explicar desta maneira: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos, para deles obter riquezas, ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que lhe cumpre suportar neste mundo.

Sufrerá na vida futura as consequências desse ato. Não quer isto dizer que sua alma fique para sempre condenada à desgraça. Mas, desde que, em lugar de se desprender da matéria, nela cada vez se enterra mais, não terá, no mundo dos Espíritos, a satisfação de que haja gozado na Terra, até que tenha resgatado a sua falta, por meio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Coloca-se, por amor dos gozos materiais, na dependência dos Espíritos impuros.

Estabelece-se assim, tacitamente, entre estes e o delinquente, um pacto que o leva à sua perda, mas que lhe será sempre fácil romper, se o quiser firmemente, granjeando a assistência dos bons Espíritos.”

Especial

230 – 09/10/2011

O Consolador – (Astolfo O de Oliveira Filho)

O Livro dos Espíritos

XI. Dos pactos

289. Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante, as leis, sobretudo, porque o caráter da nação se reflete nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre eles combatem a influência dos maus Espíritos. Estudando-se os costumes dos povos, ou de qualquer reunião de homens, é fácil, portanto, fazer-se uma ideia da população oculta que se imiscui nos seus pensamentos e nas suas ações. (L.E., 521, comentário de Kardec)

290. Os Espíritos levianos e brincalhões se comprazem com as traquinices que aprontam, que constituem provas para nós, destinadas a exercitar nossa paciência. Entretanto, não é justo nem exato responsabilizá-los por todas as nossas frustrações, das quais somos os principais autores, pelo nosso estouvamento. Se nossa baixela se quebra, é antes em virtude de nosso descuido do que por culpa dos Espíritos. ((L.E., 530)

291. Os Espíritos que provocam discórdias agem ora em consequência de animosidades pessoais, ora sem motivo determinado. Às vezes trata-se de inimigos desta ou de existência anterior, e que nos perseguem; de outras vezes, não há nenhum motivo. (L.E., 530-A)

292. Os seres que nos fizeram mal na Terra, após desencarnarem, muitas vezes reconhecem sua injustiça e o mal que fizeram, mas também podem nos perseguir com o seu ódio, se Deus o permitir, para nos experimentar. (L.E., 531)

293. O meio de pôr termo a isso é orar por eles e retribuir-lhes o mal com o bem. Se soubermos colocar-nos acima de suas maquinações, cessarão de fazê-las, ao verem que nada lucram. (L.E., 531-A)

294. Há pactos com os maus Espíritos? - Não, não há pactos, mas uma natureza má que simpatiza com Espíritos maus. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho, e não sabes como fazê-lo; chamas então a ti os Espíritos inferiores que, como tu, não querem senão o mal, e para te ajudar querem que também os sirvas nos seus maus desígnios. (L.E., 549)

295. Mas disto não se segue que o teu vizinho não possa se livrar deles, por uma conjuração contrária ou pela sua própria vontade. Aquele que deseja cometer uma ação má, pelo simples fato de o querer, chama em seu auxílio os maus Espíritos, ficando obrigado a servi-los como eles o auxiliam, pois eles também necessitam dele para o mal que desejam fazer. É nisso somente que consiste o pacto. (L.E., 549)

296. A dependência em que o homem se encontra algumas vezes dos Espíritos inferiores provém do seu abandono aos maus pensamentos que eles lhe sugerem. (L.E., 549, comentário de Kardec)

297. Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral, e o vosso erro é tomá-las ao pé da letra. A alegoria a respeito de indivíduos que teriam vendido sua alma a Satanás se pode explicar assim: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos, para deles obter os dons da fortuna

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência, renuncia à missão que recebeu e às provas que deve sofrer neste mundo, e sofrerá as consequências disso na vida futura.
(L.E., 550)

298. Por amor aos gozos materiais, o indivíduo coloca-se na dependência dos Espíritos impuros: estabelece-se entre estes e ele um pacto tácito, que o conduz à perdição, mas que sempre lhe será fácil romper, com a assistência dos bons Espíritos, desde que o queira com firmeza.
(L.E., 550)

XII – PODER OCULTO, TALISMÃS, FEITICEIROS

551. Pode um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja dedicado, fazer mal ao seu próximo?

“Não; Deus não o permitiria.”

552. Que se deve pensar da crença no poder, que certas pessoas teriam, de enfeitiçar?

“Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer mau uso, se maus forem seus próprios Espíritos, caso em que possível se torna serem secundados por outros Espíritos maus. Não creias, porém, num pretensão poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam, como prova da existência desse poder, são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

553. Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor do concurso dos Espíritos?

“O efeito de torná-las ridículas, se procedem de boa-fé.

No caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são mera charlatanaria. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

a) — Mas, não é exato que alguns Espíritos têm ditado, eles próprios, fórmulas cabalísticas?

“Efetivamente, Espíritos há que indicam sinais, palavras estranhas, ou prescrevem a prática de atos, por meio dos quais se fazem os chamados conjuros. Mas, ficai certos de que são Espíritos que de vós outros escarnecem e zombam da vossa credulidade.”

554. Não pode aquele que, com ou sem razão, confia no que chama a virtude de um talismã, atrair um Espírito, por efeito mesmo dessa confiança, visto que, então, o que atua é o pensamento, não passando o talismã de um sinal que apenas lhe auxilia a concentração?

“É verdade; mas, da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos depende a natureza do Espírito que é atraído. Ora, muito raramente aquele que seja bastante simplório para acreditar na virtude de um talismã deixará de colimar um fim mais material do que moral. Qualquer, porém, que seja o caso, essa crença denuncia uma inferioridade e uma fraqueza de idéias que favorecem a ação dos Espíritos imperfeitos e escarninhos.”

555. Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro?

“Aqueles a quem chamais feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, gozam de certas faculdades, como sejam a força magnética ou a dupla vista. Então, como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural. Os vossos sábios não têm passado muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?”

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem, dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula credence.

556. Têm algumas pessoas, verdadeiramente, o poder de curar pelo simples contacto?

“A força magnética pode chegar até aí, quando secundada pela pureza dos sentimentos e por um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. Cumpre, porém, desconfiar da maneira pela qual contam as coisas pessoas muito crédulas e muito entusiastas, sempre dispostas a considerar maravilhoso o que há de mais simples e mais natural.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

Importa desconfiar também das narrativas interesseiras, que costumam fazer os que exploram, em seu proveito, a credulidade alheia.”

Artigos

568 – 20/05/2018

O Consolador – (Wellington Balbo)

XII. Poder oculto, talismãs, feiticeiros

Talismãs, amuletos: que Kardec diz sobre a força desses objetos?

Kardec, em sua época, era reconhecido pelos seus contemporâneos como autoridade no tocante aos temas das novas descobertas entre as relações dos mundos visível e invisível. Tanto assim que frequentemente o buscavam a fim de receber sua opinião relacionada aos inúmeros fenômenos além da matéria. Foi assim quanto ao poder de objetos, talismãs e adereços. Teriam, eles, poder de descortinar o passado de alguém ou prever o futuro, ou, ainda, atrair os Espíritos? Há, nesses objetos, algo que possa denominá-los, assim na forma vulgar, como objetos mágicos?

Dentre as muitas vezes que Kardec abordou o tema medalhas, símbolos e demais, trago para reflexão um texto que consta na Revista Espírita, novembro de 1858, com o título: Os talismãs – medalha cabalística.

Uma senhora, médium sonâmbula, havia informado que determinada medalha tinha poderes especiais de atrair os Espíritos. Pediram a opinião de Kardec a respeito. Kardec, logo de início, já explica que os Espíritos são atraídos pelo pensamento e não pelo objeto em si.

Espíritos que se apegam a esses objetos são, ainda, inferiores, mesmo que estejam agindo de forma honesta. É que conservam, mais ou menos, as manias e ideias que tinham enquanto encarnados. Portanto, nada fora do esquadro que repitam este modelo mental no mundo dos Espíritos. Por outro lado, há, também, os Espíritos zombeteiros, ou no linguajar atual, gaiatos, que gostam de se divertirem à custa da ingenuidade alheia. O foco, portanto, é o pensamento, e é este que acaba por atrair os Espíritos.

Imagine que você deposita uma fé inabalável de que um copo qualquer pode atrair um bom Espírito. E todos os dias você reserva um tempo para olhar no interior deste copo a fim de atrair os bons Espíritos para um contato. Você ora com fervor e sinceridade e os Espíritos comparecem, serenam teu coração, sugerem-te bons conselhos, ajudam-te a responder as mais intrincadas questões íntimas e por aí vai. Você pode achar que o poder está no copo. Contudo, a realidade é que a força está relacionada ao teu pensamento e sentimentos para que tragam os bons Espíritos em teu benefício. O copo é apenas um amuleto e, caso seja descartado, nenhuma alteração haverá se você prosseguir na busca dos bons Espíritos com sinceridade e fervor.

A ideia de Kardec é tornar o contato com os Espíritos uma coisa mais espiritual do que material. Se antes havia uma suposta “necessidade” do material para interagir com o espiritual, Kardec a retira e mostra que isto é desnecessário. O contato com os Espíritos é feito de coração para coração, de mente a mente. Não é a matéria, ou seja, o objeto, que atrai os Espíritos, mas o pensamento, o coração conectado e a vontade do indivíduo.

Há, todavia, uma observação a ser feita. Os objetos podem ser magnetizados e, com isso, “adquirirem” algumas propriedades especiais, mas de forma passageira. Imagine alguém dotado de grande poder magnético, daqueles em que o olhar é penetrante e traz uma força indescritível. Este indivíduo direciona seu olhar a uma medalha, seu pensamento naquele objeto é firme e forte no intuito de magnetizá-lo. Pois bem, é possível, sim, que alguém, ao tocar este objeto, agora já impregnado com o fluido a ele direcionado, sinta sensação diferente, ou mesmo entre em transe por conta da “força” que contém, momentaneamente, o material.

Perceba, todavia, que o poder não está no objeto em si, mas na força do pensamento que a ele foi direcionada.

XIII – BENÇÃO E MALDIÇÃO

557. Podem a bênção e a maldição atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançadas? “Deus não escuta a maldição injusta e culpado perante ele se torna o que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Tal influência, porém, só se verifica por vontade de Deus como aumento de prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.”

Crônicas e Artigos

262 – 27/05/2012

O Consolador – (Maria Eny Rossetini Paiva)

O reino de Deus, na visão do filósofo Herculano.

O Exemplo

XIII. Bênção e maldição

Nesta série de estudos sobre o mestre em Filosofia, escritor, literato, jornalista e espírita, Herculano Pires, estamos examinando sua obra “O Reino”, em que nos esclarece a respeito do Reino de Deus que Jesus veio anunciar, vivenciar e exemplificar.

No Capítulo IV, O EXEMPLO, mestre Herculano ensina que O Reino não é privativo de ninguém e que, certa vez, para quebrar a dura cerviz dos fariseus, diante do centurião romano que lhe rogara a cura para seu servo, e a conseguira, Jesus declarou: “Em verdade vos afirmo que não achei tamanha fé em Israel, e que virão muitos do Oriente e do Ocidente para assentar-se à Mesa com Abraão, Isaac e Jacó, no Reino dos Céus”.

Herculano prossegue: “E acrescentou com a dureza de uma martelada na oficina de Nazaré: Mas os Filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores em que haverá choro e ranger de dentes!”.

Assim se chamavam os hipócritas de Israel: Filhos do Reino, porque se consideravam mais puros que todos os outros e escolhidos por Deus para julgarem os goyn, os estrangeiros impuros. O Jovem Carpinteiro os ameaçava com as trevas exteriores, com a cegueira da alma que sucede à cegueira da mente, produzida pelo orgulho. E tomava o centurião romano, odiado pelos Filhos do Reino, como exemplo de fé, como tomara o Bom Samaritano, em cuja presença os fariseus cuspiam e viravam o rosto com desprezo, como exemplo de amor.

Quanto ensina esse simples trecho nos traz. Herculano sabe e o mostra à exaustão em outros interessantes livros sobre a época de Jesus, como Barrabás, Madalena e Lázaro, como sentiam os judeus, e com que orgulhosa pretensão se julgavam superiores. Não como adoradores do Verdadeiro e único Deus, mas com relação aos que eram o SEU POVO, OS QUE ELE ESCOLHERA PARA PROTEGER. Povo escolhido que, embora sob o tacão romano, receberia o Messias, que viria trazer-lhes de volta a liberdade e o domínio, dos tempos do Rei David e Salomão. Essa crença, fruto do orgulho da raça e do povo, tem sustentado o povo de Israel por milênios e ainda hoje mantém viva no seio das sinagogas a esperança da vinda de um Messias político ou apocalíptico, não importa, mas que lhes devolverá o domínio e implantará O Reino onde eles reinarão para sempre sobre todos, os demais povos.

Podemos repudiar essas ideias, mas seria interessante que, antes disso, analisássemos se não temos a mesma postura fruto do orgulho. Os que se julgam donos de uma verdade maior assumem, na maioria das vezes, a mesma postura. Podem não se achar escolhidos de Deus, por serem israelitas, podem não esperar “reinar com Deus” sobre os gentios, mas julgam-se melhores por possuírem mais conhecimento, ou a fé em Cristo, ou em uma Igreja cristã ou não cristã. Não ouvimos nossos irmãos se chamarem de “povo de Deus”? Não ouvimos no movimento espírita as pessoas dizerem que o conhecimento espírita é superior a todos os outros, que nada têm a aprender com outros estudiosos, teólogos, exegetas, estudiosos das Escrituras, ou mesmo da Ciência? Não encontramos a mesma doença do orgulho, quando nós mesmos sorrimos com superioridade diante da ignorância ou mesmo nos revoltamos com os avanços da Ciência, tão-somente porque contrariam “revelações” feitas por médiuns confiáveis?

Fico admirada, muitas vezes, que eminentes oradores e líderes da evangelização infantil continuem ensinando a parábola do Bom Samaritano, como se nela Jesus apenas nos ensinasse

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IX)

a sermos caridosos para com os necessitados e exprobasse a hipocrisia dos religiosos que não socorreram o samaritano assaltado e caído.

A parábola é muito mais do que isso: nela Jesus ensina a nos livrarmos do preconceito. O judeu, quando via um samaritano, cuspiam e dizia “Racca”. Dessa expressão de desprezo vem a expressão brasileira “raque tchu” e a cuspiam com que as crianças se enfrentavam em pequenas querelas na infância e que em alguns municípios brasileiros ainda é usada. Os judeus, que se achavam superiores aos galileus, e desprezavam com nojo manifesto os samaritanos, foram, nessa parábola, reduzidos à sua verdadeira dimensão.

Se toda a Lei e os Profetas se resumem na máxima “ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”, quem assim procede não ama a ninguém. O orgulho o domina. É essa a principal lição da Parábola do Samaritano, não divulgada pelos diferentes credos religiosos, porque, à semelhança do farisaísmo, cada grupo se julga melhor do que o outro. Embora não o demonstremos de modo tão evidente, cuspiam diante de outro cidadão que por algum motivo julgamos inferior a nós, sentimos por ele o mesmo sentimento de superioridade que caracteriza o orgulho. E a diferença entre Judeus e Samaritanos se assentava, ao menos exteriormente, no fato de que os Samaritanos não iam ao Templo de Jerusalém, mas adoravam a Deus no monte. Ou, em palavras modernas, não concordavam em engordar com seus sacrifícios e oferendas de dinheiro e animais as famílias dos fariseus e sacerdotes, que faziam pior do que os dominadores romanos que viviam dos impostos recolhidos dos povos que oprimiam.

Os fariseus e sacerdotes viviam enganando seu próprio povo. A título de salvação e purificação, obrigavam-no a pagar caro seus rituais, e comprar animais sagrados para a oferenda, com o dinheiro do templo, que deviam trocar pelo dinheiro dos romanos, às mesas dos cambistas. Só com tal dinheiro do Templo podiam comprar os animais sagrados para o sacrifício. Por isso, as mesas dos cambistas que Jesus derruba, e daí, o estabelecimento de uma nova forma de adoração sem sacrifícios sangrentos, por Jesus. Na verdade, os animais sacrificados ficavam em parte para os sacerdotes e fariseus, que assim locupletavam suas mesas à custa da miséria e do sacrifício de seu próprio povo.

Esse é um dos motivos porque Jesus os tratava com tanta dureza e dizia que eram malditos. Veja em A Gênese o item “maldição aos fariseus”, que Kardec coloca sem comentários. Claro que Jesus não amaldiçoava, nem bendizia, apenas colocava quem era maldito e quem era bem-aventurado, diante da lei de Deus. Não podemos à moda de feiticeiros medievais ou atuais lançar bênçãos e maldições. Cada um de nós está sujeito a recolher bênçãos e maldições por sua conduta na Vida regida pela Lei Natural.

A tradução adocicada feita pela Igreja e pelos tradutores evangélicos, substituindo a palavra, malditos por “ai de vós”, tem mantido gerações na ignorância do significado do Reino de Deus na Terra, e de como nossa conduta diante das Leis Universais nos torna felizes (bem-aventurados) ou infelizes (mal-aventurados ou malditos).

O Capítulo IV traz preciosos ensinamentos de Herculano, e nos fala da pequena comunidade messiânica que vivia segundo os preceitos do Reino, ao lado de Jesus.

Bibliografia:

Herculano Pires, O Reino, (cap. IV – O Exemplo)